

O Problema do Extremo Oriente

Folheto n.º 1 da «Biblioteca dos ensaios de vulgarização cultural». Edição do autor — Vasco da Gama Fernandes

Dos grandes problemas sociais e políticos que afligem o mundo na hora que passa, ocupa um lugar preponderante o conflito chino-japonês. Movimentam-se as chancelarias, reúnem-se conferências no demonstrado propósito de lhe dar uma solução imediata. As nações receiam de um momento para o outro vêr estender-se a guerra encarniçada, feroz, tremenda, que atingiu a China e o Japão.

Haverá motivos para estas preocupações, principalmente da parte dos povos ocidentais? Sem dúvida.

O Oriente tem sido um mercado largamente disputado tanto pelos países europeus como pelos asiáticos e americanos. A Inglaterra, a França e a América do Norte vêem os seus interesses em foco com a ousadia nipónica. Trata-se dum acontecimento verdadeiramente sério, visto que o Japão procura levar a efeito um plano de há muito estabelecido: a sua expansão conquistadora pela parte asiática que se estende até aos limites orientais do continente europeu, com a expulsão de todas as influências estrangeiras de esse território

Esta finalidade do Império Celeste está bem tratada no livrinho que acaba de ser publicado—*O Problema do Extremo Oriente*—da autoria de Vasco da Gama Fernandes. É uma exposição bem orientada, metódica e documentada com gráficos expressivos, referentes à evolução japonêsa. *O Problema do Extremo Oriente* não é só um trabalho histórico—ainda que de limitada profundidade—é, sobretudo, um estudo analítico, imparcial e sério.

Registando com agrado o seu aparecimento, recomendamos-lo aos nossos leitores. Este opúsculo marca o início duma obra de cultura que o autor pretende realizar com a publicação semestral de outros estudos sobre questões de interesse nacional e mundial. Louvável iniciativa esta, que nos leva a aguardar com curiosidade os seus futuros trabalhos.

M. F.

Fröebel e Montessori

Conferências de Manuel Soares

Editado pela «Seara Nova» foi publicado um caderno pedagógico contendo duas conferências da autoria de Manuel Soares.

Na primeira, põe o autor em evidência os pontos de contacto existentes nos dois grandes vultos da Pedagogia: Fröebel e Montessori, considerando

esta última como o melhor intérprete e continuador do criador dos «Jardins da Infância».

«Montessori, diz Manuel Soares, hoje não se afasta muito dos fins fröebelianos: excitação sensorial e seu aproveitamento lúdico e pedagógico. Ultrapassa porém, Fröebel, na graduação destas excitações e noutra coisa ainda, vislumbrada mas não atingida por Fröebel: na forma da auto-educação infantil».

A segunda conferência versa sobre o trabalho manual na escola, principalmente na escola infantil. É uma reprovação do tradicional e vulgar processo deste ensino em que ao aluno é apenas permitida a cópia mecânica de trabalhos apresentados pelo professor. Processo que, na verdade, põe de lado a mais bela tendência infantil: a de inventar.

Manuel Soares encara o ensino do trabalho manual sob um aspecto bastante mais racional, mais psicológico, do que tem sido apresentado no nosso meio, e pretende, em suma, chamar a prioridade educativa do trabalho manual para a *representação pessoal*, para aquilo que desenvolva mais na criança o *artista* que o *artífice*.

Este caderno da «Seara Nova» merece ser lido por todos os que servem a causa da educação com o nobre intuito de bem interpretar as teorias pedagógicas.

M. F.

Edna Worthley Underwood

de SEVERO PORTELA

Uma das mais típicas escritoras desta hora de criação e de renovo. Uma compleição singular e excepcional de reintegradora dos mais estranhos poemas da literatura contemporânea na sua língua pátria, a inglesa, a escritora norte-americana Edna Worthley Underwood.

Verteu a musa de José Santos Chocano, o poeta tocantemente emotivo, sob a legenda de *Spirit of the Andes*; verteu a obra de Arsene Yergath que apareceu a lume sob o dístico *The Weaver by the Nile*; interessou-se pela literatura chinesa no volume *Tu Fu*,

Wonderer and Minstrel under Moons of Cathay; publicou Robert-Edward Hart, «*Poet of the Indian Ocean*».

Edna Worthley Underwood, notável personalidade de cultura humanista, traduziu a seguir, em antologia, *The Poets of Haiti*; deu a publicidade de *Anthology of Mexican Poets*; realizou no mesmo modo a *The Slav Anthology*. Porém, o trabalho onde a fina intencionalidade culta deste tão plástico como multiforme talento feminino mais exuberante, mais releva, é na considerável *Anthology of Mexican Poets*. Uma obra de toque, uma obra de cunho em que a

emoção américo-latina nada mareia, nada desdoura na reintegração américo-inglesa, isto é, americana por essência, por sensibilidade estética e filológica.

É pela acção mental, percucientíssima, da complexa e profunda figura intelectual que é Edna Worthley Underwood que a arte da poesia exótica é apreciada e é criticada, a este tempo, na América do Norte. A mais representativa entidade mental do instante. Sob o cunho do país portentoso onde são dadas à estampa as edições magníficas da excepcional publicista doutíssima, revestem elas um

carácter inhabitual. Uma editorante *The Mosher Press*, *Mosher Press Books*, labora selecionadamente para a cerebral e artística escritora que, entre nós, só de três ou quatro pessoas, acaso, é até agora conhecida. Não se imagine, entretanto, que a sua tarefa de transposição, de reintegração, se caracteriza em intuitos de divulgação vulgar, ou serve a industrialização mercantil. Muito ao contrário. Edna Worthley Underwood é uma figura de vanguarda, autentica individualização superior, relêvo único de escritora simultânea de esteta.